

Imprimir

Clemente Nobrega / Tecnologia

O livro digital tem futuro?

É provável que o Kindle, da Amazon, seja usado principalmente para consultas de enciclopédias, dicionários e catálogos

Época Negócios

Google, Amazon, Microsoft, Yahoo! e mais todas as grandes editoras estão digitalizando livros. Pelo pedigree dos envolvidos, não há dúvida: apostam que esse objeto - na essência, ainda um produto medieval - vai mudar. O líder no esforço é o Google - 10 milhões de títulos digitalizados por ano. A Amazon acaba de lançar o Kindle - aparelho que baixa conteúdos digitalizados diretamente, sem precisar de um PC. Você pode carregar centenas de livros no aparelhinho e ler onde quiser. A aposta é que o Kindle vai se transformar no iPod dos livros. Estima-se que haja cerca de 65 milhões de títulos no mundo. Vai dar certo?



Eu diria o seguinte: o significado do que chamamos "livro" depende das circunstâncias de seu uso. A mídia pela qual é feita a leitura (papel ou leitor digital) dependerá dessas circunstâncias, e só delas. Quando a coisa for: "Quero ler pelo prazer de ler/não quero aprender nada" (novelas, romances), o papel ganha fácil. Tem gente que gosta de ler na cama, na praia, na banheira. Não será prático levar o aparelho para esses lugares. Agora, na circunstância: "Quero fazer uma consulta" (dicionário/manual), ou "quero aprender rapidamente sobre um episódio histórico" (enciclopédia), ou "encontrar um endereço" (catálogo), então o leitor digital é o tal. Tudo que é para ser consultado episodicamente é bom candidato ao formato digital. A chave da coisa é entender como se subdividem os tais 65 milhões de títulos por circunstância de leitura. Segmentação por circunstância é diferente de por atributo. Atributo é o que você é, circunstância é como você vive sua vida. Se a Casas Bahia segmentasse por atributo, pensaria assim: dona Maria, doméstica, sem carteira assinada, R\$ 400 por mês, sem CPF, sem conta em banco. E dona Maria não teria crédito. Mas pensou assim: dona Maria passou a ter um dinheirinho sobrando depois que a inflação acabou, e agora pode pagar (muitas) pequenas prestações para realizar o seu sonho: ter um fogão (de seis bocas) igual ao da patroa. Nem todo mundo compra livro para ler. A Enciclopédia Britânica, no auge do sucesso (antes de quebrar, no fim dos anos 80), era um veículo para pais de adolescentes aplacarem sentimentos de culpa por não investir o suficiente no futuro dos filhos. Os adolescentes nunca abriam aquilo, mas ela era um sucesso. Culpa de pais é uma coisa maciça. Só se aplaca de forma volumosa e cara. Digitalizar não seria jamais a onda da Britânica, como é a da Wikipédia.



O papel ganhará fácil da plataforma eletrônica quando a pessoa estiver interessada no simples prazer da leitura

universitário típico? Não, não é. A circunstância que o define é: "Quero a mídia que me faça passar na prova com o mínimo de esforço". Para ele, um site de macetes (sugestão: www.macetesdocacete.com.br) terá mais chances comerciais que a leitora digital.

A Wikipédia quer ser só fonte de consulta, não quer aplacar a culpa de ninguém. Uma vez, alguém tentou uma versão de leitora digital para livros-texto de universitários. Baixariam novos conteúdos periodicamente e seu conhecimento estaria sempre atualizado. Mais conteúdo é parte das circunstâncias que definem a motivação de um

* **Clemente Nóbrega** é físico, escritor e consultor de empresas

Ilustração_Gabriel Silveira

Imprimir

Fechar